



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

### Dados de crédito e início da safra dos balanços do setor bancário são destaques na semana. Números fiscais também estão no centro das atenções

**Semana traz os números de junho do mercado de crédito, que deve seguir acelerando.** Segundo a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban, o saldo total da carteira deve crescer 1,1% em junho, puxado pelo crédito às empresas (+1,8%), impulsionado pela sazonalidade positiva das linhas de fluxo de caixa e por programas públicos (Desenrola PJ e medidas de auxílio ao Rio Grande do Sul). Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve acelerar pelo 5º mês seguido, fechando o 1º semestre com um ganho de tração significativo, passando de 7,7% em janeiro (e 9,2% em maio) para 9,9% em junho. Veja mais detalhes da Pesquisa nas [páginas 6 e 7](#). Os números oficiais serão divulgados pelo Banco Central na sexta (26).

**O mercado também acompanha os números de julho da prévia da inflação (IPCA-15), após os dados de junho trazerem algum alívio.** O IBGE divulga o índice na quinta (25), que deve mostrar alta de 0,23%, segundo o consenso. O indicador deve ser pressionado especialmente pelos itens administrados, diante do acionamento da bandeira tarifária amarela nas contas de energia elétrica e dos reajustes da gasolina e do gás de cozinha implementados pela Petrobras. Já os preços dos alimentos devem mostrar descompressão, com a deflação sazonal dos itens *in natura*. Em 12 meses, o índice deve seguir acelerando, de 4,06% para 4,38%, se consolidando acima do nível de 4%.

**Em relação às contas públicas, a semana será movimentada com a divulgação do Relatório Bimestral de Receitas e Despesas do 3º bimestre, além do resultado fiscal de junho.** Os ruídos em torno dos números que seriam apresentados no Relatório Bimestral levaram o Ministro Haddad a antecipar na última quinta (18) que o governo fará uma contenção de R\$ 15 bi no orçamento deste ano, divididas entre um bloqueio de R\$ 11,2 bi (para compensar uma provável reestimativa de alta das despesas obrigatórias) e um contingenciamento de R\$ 3,8 bi (corte de despesas para cumprir a meta fiscal, devido à frustração com receitas). A divulgação do Relatório trará a reestimativa das receitas e despesas obrigatórias, que os analistas julgam que estavam superestimadas e subestimadas, respectivamente. Assim, ficará mais claro o quão factível será o cumprimento da meta fiscal deste ano e se será necessário o anúncio de novos bloqueios até o fim do ano. Na semana, o Tesouro também divulga o resultado fiscal de junho, que deve mostrar déficit de R\$ 37,1 bi, pressionado pelo pagamento da 2ª parcela do 13º salário aos aposentados do INSS e pela abertura de crédito extraordinário para auxiliar na reconstrução do RS. Já a Receita divulga a arrecadação federal de impostos, que deve seguir mostrando números fortes, mas não o suficiente para cobrir o aumento das despesas.

**Ainda na agenda local, a semana também traz os dados do setor externo e algumas sondagens de confiança.** O BC divulga na quinta (25) o resultado da balança de transações correntes de junho, que deve registrar déficit de US\$ 3,4 bi, pior do que o observado em jun/23 (US\$ -0,8 bi), diante do menor dinamismo da balança comercial. Ainda assim, as contas externas devem seguir em nível saudável, com o déficit acumulado em 12 meses se mantendo em um patamar relativamente contido, de US\$ 42,7 bi (1,89% do PIB), financiado pela entrada de investimento direto no país. Por fim, a FGV divulga os índices de confiança do consumidor e do setor de construção na quinta (25) e na sexta (26), respectivamente, ambos referentes ao mês de julho.

**Na agenda corporativa, o Santander dá início na quarta-feira (24) à temporada dos balanços do setor bancário referente ao 2T24.** O consenso dos analistas prevê que a instituição registrará um lucro líquido de R\$ 3,2 bi no trimestre, equivalente a uma alta de 6,2% na margem e de 42,1% na comparação anual. Em geral, a expectativa é que os principais bancos do país registrem avanço de seus resultados no trimestre, beneficiados pelo crescimento da carteira de crédito (impulsionando as margens financeiras), assim como a queda/estabilização dos índices de inadimplência deve conter os gastos com provisão para devedores duvidosos (PDD). Os demais bancos divulgam seus resultados a partir da semana do dia 05 de agosto. O quadro na próxima página traz as datas de divulgação e as projeções do mercado para os bancos de capital aberto no Brasil.



## AGENDA DA SEMANA

## INFORMATIVO SEMANAL DE ECONOMIA BANCÁRIA

No cenário internacional, os agentes estarão atentos à desistência do Presidente Joe Biden das eleições deste ano e indicando, como sucessora, a atual Vice-Presidente, Kamala Harris. A mudança da chapa entre os Democratas aumenta a incerteza sobre o resultado final das eleições, que tem até o momento o ex-presidente Donald Trump como favorito. Será importante observar, em primeiro lugar, se Kamala Harris irá se consolidar como candidata ou se ainda haverá uma disputa no partido. Outro ponto de atenção será o resultado das primeiras pesquisas, que podem mostrar se haverá (ou não) uma alteração nas perspectivas para as eleições. Por ora, a reação dos mercados parece ser neutra (ou levemente positiva), dada a fragilidade que a candidatura Biden apresentava, ou seja, mesmo com todas as dificuldades, a primeira impressão é de que o pleito pode ser mais disputado, incluindo as eleições para o Legislativo.

Em relação aos dados econômicos, destaque para a 1ª leitura do PIB dos EUA no 2º trimestre, que deve confirmar os sinais de desaceleração da economia norte-americana neste 1º semestre. O consenso de mercado aguarda uma alta anualizada de 1,9% do PIB ante o 1T24 (ou 0,5% na margem), próximo ao observado no 1º trimestre (+1,4%) e bem abaixo do registrado no 2º semestre de 2023, quando o PIB cresceu em torno de 4% (taxa anualizada) no período. As atenções estarão voltadas especialmente para o desempenho do consumo das famílias, que vinha impulsionando a atividade no país, mas agora dá sinais de moderação. A divulgação ocorrerá na quinta-feira (25).

Ainda nos EUA, também serão conhecidos os dados de renda e gastos pessoais e a métrica preferida de inflação do Fed, na sexta (26). Na mesma direção, a expectativa é de uma alta moderada (+0,3%) dos gastos pessoais em junho, reforçando os sinais de desaquecimento do consumo das famílias. Já o deflator dos gastos de consumo pessoal (PCE) deve seguir em processo de desaceleração gradual, atingindo 2,4% nos últimos 12 meses (ante +2,6% em mai/24), abrindo caminho para o Fed começar a reduzir os juros a partir de setembro.

A semana também traz as prévias dos indicadores de expectativas para o mês de julho nos EUA e na Europa. Na quarta (24), serão divulgados os índices PMIs da manufatura e dos serviços para as duas economias. Já as divulgações dos índices de confiança dos consumidores da Zona do Euro será na terça (23), enquanto nos EUA ficará para sexta (26).

A próxima página traz o quadro completo da agenda de indicadores com as datas de divulgação e projeções de mercado.

### Calendário de Divulgação e Estimativa de Lucro dos Bancos com Capital Aberto para o 2T24

Banco	Data	Estimativa de Lucro Líquido no 2T24 Em R\$ mi	Var. % Trimestral	Var. % Anual
Santander	24/jul	3.209,0	6,2%	42,1%
Bradesco	05/ago	4.412,3	4,8%	-2,3%
Itaú	06/ago	10.000,0	2,3%	14,4%
Banco do Brasil	07/ago	9.262,7	-0,4%	5,4%
Inter	07/ago	220,7	13,0%	243,9%
Pan	07/ago	213,8	8,7%	25,7%
ABC	08/ago	222,2	-0,4%	10,1%
Pine	12/ago	-	-	-
Banrisul	13/ago	251,3	34,0%	11,0%
Nubank	13/ago	-	-	-
XP	13/ago	1.114,7	8,3%	14,1%
BTG Pactual	14/ago	3.001,7	8,2%	23,0%
BMG	14/ago	99,1	5,4%	-

Fonte: RI dos bancos. Projeção: Bloomberg.



## INDICADORES DA SEMANA

### NACIONAL

Data	Indicadores Nacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
22/jul	Relatório Bimestral de Receitas e Despesas	3º tri/24	-	-
23/jul	Reunião do CMN	Jul/24	-	-
25-26/jul	FGV: Sondagens de Confiança – Consumidor e Construção	Jul/24	-	-
25/jul	IBGE: IPCA-15	Jul/24	0,23% m/m 4,38% a/a	0,39% m/m 4,06% a/a
25/jul	BCB: Estatísticas do Setor Externo	Jun/24	US\$ -3,4 bi	US\$ -3,4 bi
26/jul	BCB: Nota de Crédito	Jun/24	1,1% m/m* 9,9% a/a*	0,7% m/m 9,2% a/a
26/jul	Tesouro: Resultado Primário do Governo Central	Jun/24	R\$ -37,1 bi	R\$ -61,0 bi
Sem data	RFB: Arrecadação Federal de Impostos	Jun/24	10,1% a/a	10,5% a/a

Fonte: Bloomberg.

### INTERNACIONAL

Data	País ou Região	Indicadores Internacionais	Período de Referência	Consenso de Mercado	Anterior
21/jul	China	Taxas de Empréstimos Prime (1 ano e 5 anos)	Jul/24	3,45% aa / 3,95% aa	3,45% aa / 3,95% aa
23/jul	Zona do Euro	Confiança do Consumidor	Jul/24 – prévia	-13,5 pts	-14,0 pts
23/jul	EUA	Vendas de casas existentes	Jun/24	-3,0% m/m	-0,7% m/m
24/jul	Zona do Euro	PMI Manufatura e Serviços	Jul/24 - prévia	46,1 pts / 52,9 pts	45,8 pts / 52,8 pts
24/jul	EUA	PMI Manufatura e Serviços	Jul/24 - prévia	51,7 pts / 54,8 pts	51,6 pts / 55,3 pts
24/jul	EUA	Vendas de casas novas	Jun/24	3,4% m/m	-11,3% m/m
25/jul	EUA	PIB	2º tri/24 – prévia	1,9% t/t (anualizado)	1,4% t/t (anualizado)
25/jul	EUA	Pedidos de bens duráveis	Jun/24 – prévia	0,5% m/m	0,1% m/m
26/jul	EUA	Renda e Gastos Pessoais	Jun/24	0,4% m/m 0,3% m/m	0,5% m/m 0,2 m/m
26/jul	EUA	Deflator dos Gastos de Consumo Pessoal (PCE)	Jun/24	2,4% a/a	2,6% a/a
26/jul	EUA	Confiança do Consumidor (Univ. Michigan)	Jul/24 – final	66,4 pts	68,2 pts

Fonte: Bloomberg.

## ÚLTIMOS ACONTECIMENTOS

## INDICADORES ECONÔMICOS

### Dados de atividade reforçam leitura de resiliência da economia no 2T24

As *proxies* mensais do PIB reforçaram a expectativa de novo crescimento da economia no 2º trimestre. Os índices mostraram novo avanço em maio, impulsionados pelo consumo das famílias, que tem se beneficiado do avanço da renda (trabalho e benefícios sociais), além da retomada do mercado de crédito.

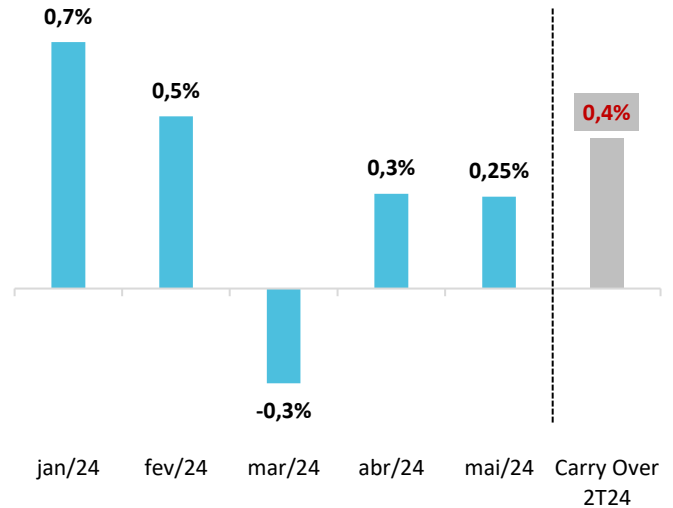
O índice IBC-Br de atividade econômica, calculado pelo Banco Central, subiu 0,25% em maio. Esta foi a segunda alta seguida do indicador, com o dado de abril revisado de estabilidade para alta de 0,3%. O resultado deixou um carregamento estatístico (isto é, supondo estabilidade em junho) de 0,4% para o 2º trimestre, sinalizando que a economia deve voltar a crescer no período.

Já o Monitor do PIB, calculado pela FGV, cresceu 0,3% em maio. A alta teve forte influência do consumo das famílias, que subiu 1,6% no mês, o maior avanço do ano. Segundo a FGV, a expansão do consumo das famílias foi concentrada em serviços, e menor grau, em bens duráveis. Os investimentos também cresceram em maio (+0,5%), impulsionados pelas compras de máquinas e equipamentos. Assim, o resultado sinaliza que a demanda interna está aquecida. Por outro lado, o Monitor apontou que a produção mostrou menor dinamismo, com alta apenas no setor agro, enquanto a indústria e os serviços ficaram estáveis.

No geral, os indicadores de maio mostraram que o impacto das enchentes no RS sobre a atividade foi contido e menor do que o esperado. Adicionalmente, os números de junho devem mostrar alguma recuperação, especialmente nos segmentos mais impactados pelo desastre climático. Assim, os números conhecidos até o momento reforçam a leitura de resiliência da atividade econômica, com expectativa de novo avanço do PIB no 2º trimestre (próximo a 0,5%), ainda que um pouco abaixo do observado no 1T24.

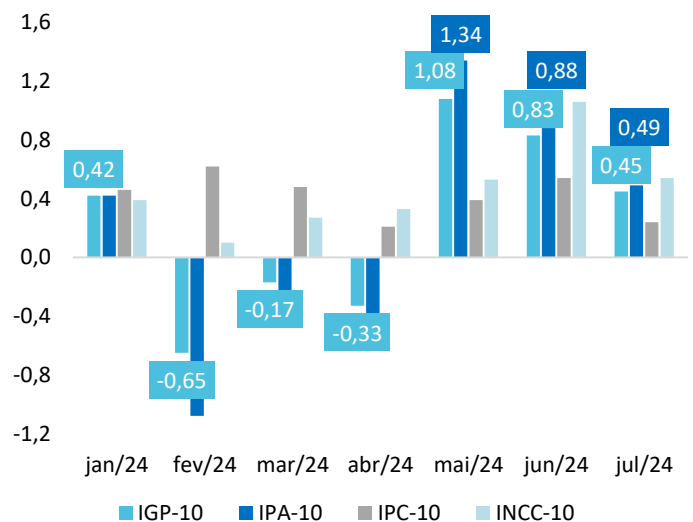
Em relação à inflação, o IGP-10 arrefeceu em julho, com alta de 0,45% (ante 0,83% em junho), devido à acomodação dos preços no atacado. A desaceleração ocorreu tanto nos itens industriais (de 0,80% para 0,37%) quanto agropecuários (de 1,11% para 0,81%), refletindo a queda do minério de ferro (-0,60%) e dos alimentos *in natura*, diante da sazonalidade favorável para tais culturas. Em 12 meses, no entanto, o índice acelerou de 1,79% para 3,38%.

Quadro 1: Índice IBC-Br/BCB de Atividade – Var. % mensal e Carry Over 2T24



Fonte: BCB

Quadro 2: IGP-10 e Aberturas – Var. % mensal



Fonte: FGV

## Indicadores Econômicos – Cenário Internacional

### Apagão cibernético global afeta serviços e penaliza mercados

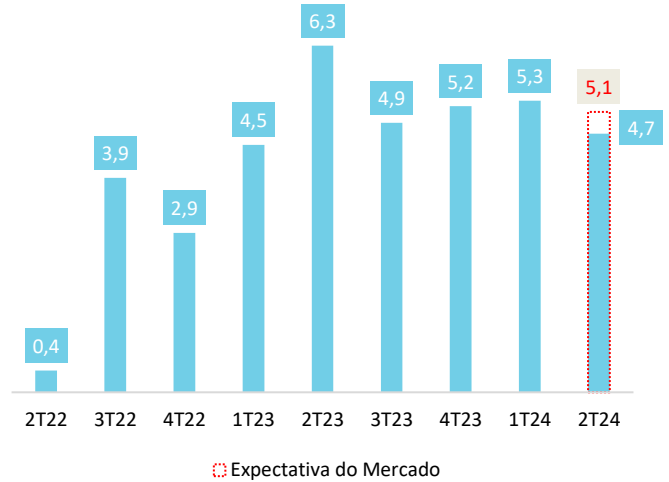
O fim da última semana acabou marcado pelo aumento da aversão ao risco dos investidores diante do apagão cibernético, que espalhou um sentimento pessimista, em especial, para as ações de tecnologia. O apagão foi gerado por um problema em uma atualização de um programa da empresa de cibersegurança CrowdStrike, amplamente utilizado por outras companhias. Isso derrubou diversos serviços em escala global, atingindo o setor bancário, de saúde e de transporte, como aeroportos. Na economia, a semana foi marcada pela decepção com o crescimento chinês e ausência de diretrizes claras por parte do governo para tentar reverter o quadro atual, enquanto nos EUA, os sinais de desaceleração econômica vão consolidando as apostas de início do processo de cortes dos juros a partir de setembro

Com relação aos dados, a China divulgou o PIB do 2º trimestre de 2024, que subiu 4,7% ante o mesmo período do ano anterior, abaixo do esperado (+5,1%) e do ritmo de crescimento do 1T24 (+5,3%). Os números mais fracos ocorrem na esteira da crise do setor imobiliário e do consumo interno fraco, deixando dúvidas quanto ao atingimento da meta de crescimento de 5% para 2024. Os dados de junho da indústria e do varejo mantiveram o quadro de divergência entre os setores, com alta da indústria de 5,3% ante jun/23, enquanto as vendas no varejo se expandiram apenas 2,0%. Já o documento final da Terceira Sessão Plenária do Partido Comunista indicou que o país deve continuar apostando nas exportações do setor industrial de maior tecnologia, sem sinalizar grandes estímulos à demanda interna.

Nos EUA, as vendas no varejo de junho ficaram estáveis em junho, ainda que acima do esperado (-0,3%). Assim, o varejo mostrou números mais contidos ao longo do 2T24, após números mais fortes no 1T24. Já a produção industrial surpreendeu ao subir 0,6% no mês, ante expectativa de 0,3%. De todo modo, o resultado foi puxado pelo setor de *utilities* (+2,8%), em meio à onda de calor no mês de junho. O Livro Bege, por sua vez, trouxe a percepção de que a atividade econômica avançou de forma “leve ou modesta”.

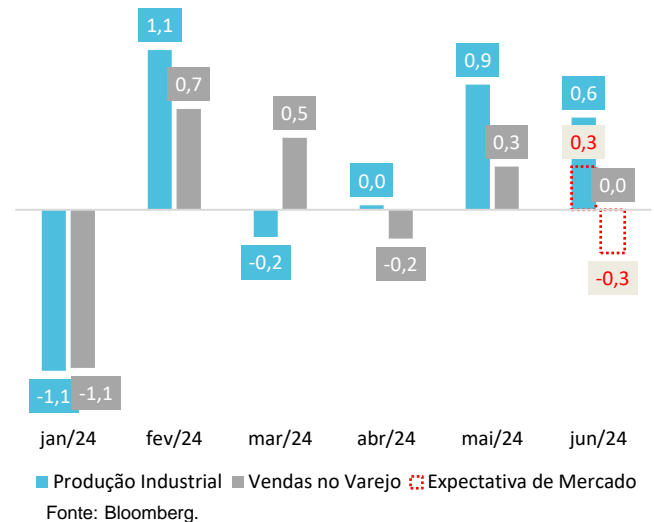
Na Zona do Euro, o BCE manteve as taxas de juros inalteradas (taxa de refinanciamento em 4,25% aa), conforme esperado, uma pausa após o início do ciclo de cortes na reunião anterior. No encontro, a presidente Christine Lagarde não deu indicações para a reunião de setembro, porém, o mercado já precifica que o BCE retome o ciclo de queda dos juros (-0,25 pp). Com relação à inflação, houve uma leve desaceleração em base anual em junho, de 2,6% para 2,5%, confirmando a prévia.

**Quadro 3: China – PIB**  
Var. % ante o mesmo período do ano anterior



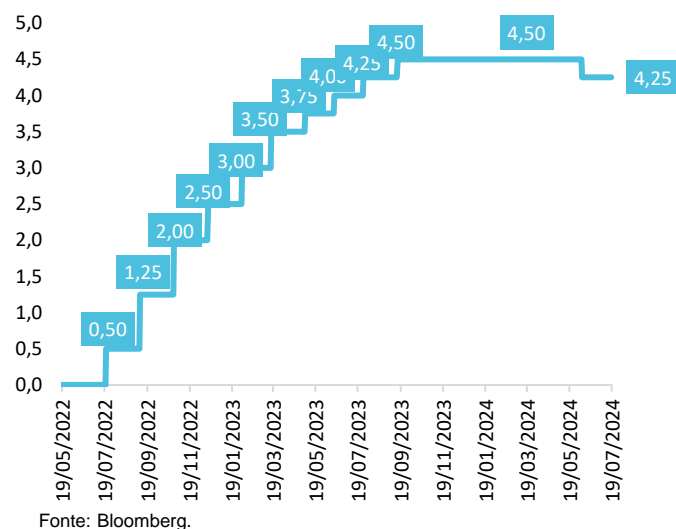
Fonte: Bloomberg.

**Quadro 4: EUA – Produção Industrial e Vendas no Varejo – Var. % m/m**



Fonte: Bloomberg.

**Quadro 5: Zona do Euro – Taxa de Refinanciamento – Em % aa**



Fonte: Bloomberg.

## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

## CRÉDITO / BANCOS

### Ritmo de expansão anual do crédito deve seguir acelerando e atingir 9,9%

O saldo total da carteira de crédito deve crescer 1,1% em junho, aponta a Pesquisa Especial de Crédito da Febraban. Com o resultado, o ritmo de expansão anual da carteira deve acelerar pelo 5º mês consecutivo, fechando o 1º semestre com um ganho de tração significativo, aumentando de 7,7% em janeiro (e 9,2% em maio) para 9,9% em junho.

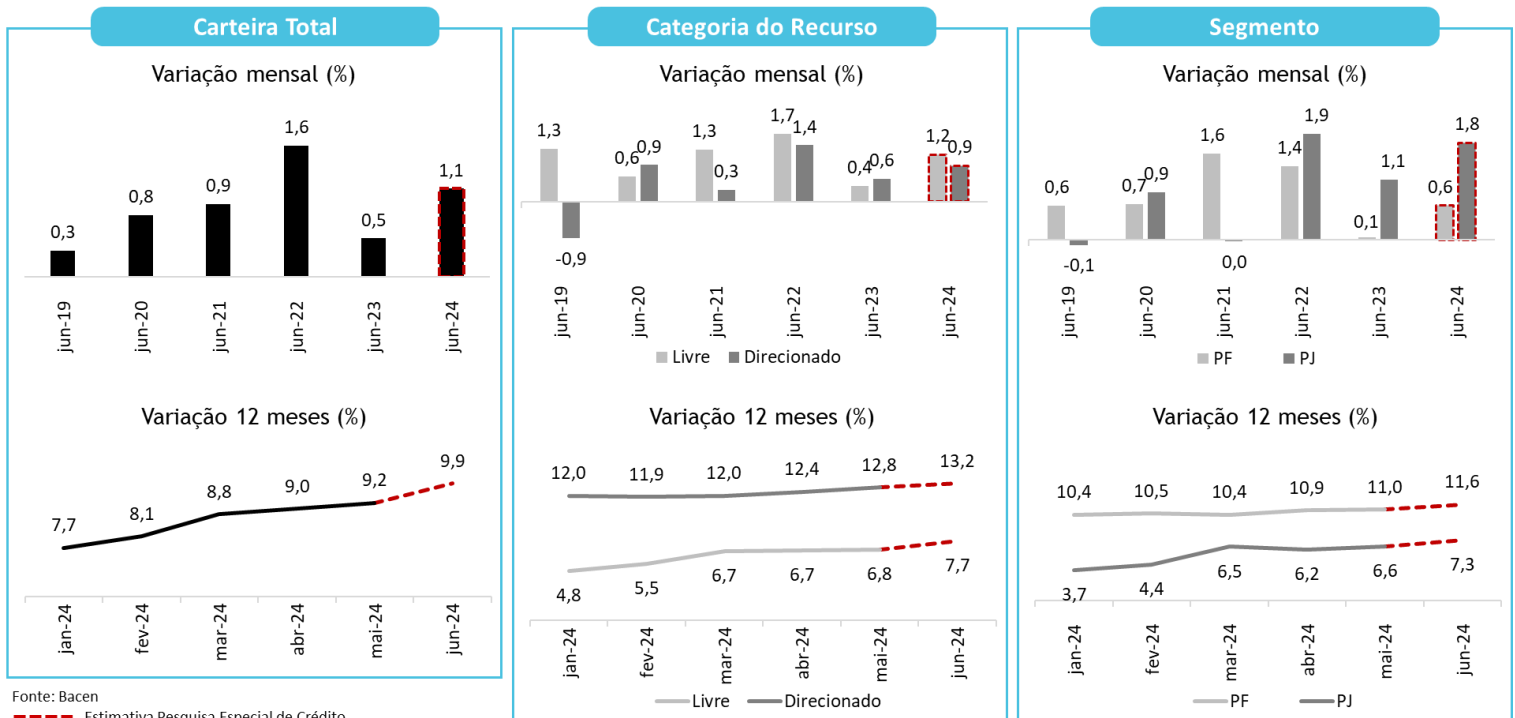
O resultado sinaliza a continuidade do processo de retomada do crédito no fechamento do 1º semestre, beneficiado pelo ciclo de flexibilização monetária observado no período.

No mês, o crescimento deve ser liderado pelo crédito destinado às empresas (+1,8%). A carteira livre deve avançar 2,0%, impulsionada pela sazonalidade positiva das linhas de descontos e antecipação de recebíveis e pelo aumento das linhas externas, impactadas pela depreciação do real. Já a carteira direcionada (+1,4%) deve ser beneficiada pelos programas públicos, tanto em nível nacional, como o Desenrola PJ, quanto pelas medidas de auxílio direcionadas ao Rio Grande do Sul. Com o bom resultado, o ritmo de expansão anual da carteira PJ deve acelerar de 6,6% para 7,7%.

O crédito às famílias, por sua vez, deve subir 0,6% no mês, com alta similar entre as carteiras com recursos livres (+0,6%) e direcionados (+0,7%). De um lado, os financiamentos para aquisição de veículos devem seguir mostrando um bom dinamismo; de outro, as linhas mais arriscadas (rotativas) devem mostrar números mais fracos (reflexo de um possível aumento da cautela por parte das instituições financeiras). Em 12 meses, a carteira PF deve acelerar de 11,0% para 11,6%, liderada pela aceleração da carteira livre (de 8,6% para 9,9%), fato que tem contribuído, junto com o avanço da massa salarial, para o avanço do consumo das famílias.

No geral, os números de junho devem manter o quadro apresentado pelo mercado de crédito ao longo do 1º semestre, com aceleração do crescimento do saldo e das concessões, num ambiente de juros e inadimplência menores. Adicionalmente, o resultado do mês também deve apontar os primeiros efeitos das medidas tomadas para ajudar na reconstrução do Rio Grande do Sul. A dúvida é se o mercado de crédito manterá este ritmo no 2º semestre, diante do aumento das incertezas econômicas.

**Quadro 6: Projeções para o Saldo da Carteira de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



## Pesquisa Especial de Crédito da Febraban

Em relação às concessões, a Pesquisa aponta pequena expansão mensal de 0,1% em junho. Ajustando pelo número de dias úteis, o resultado aponta para um crescimento mais expressivo, de 5,1%.

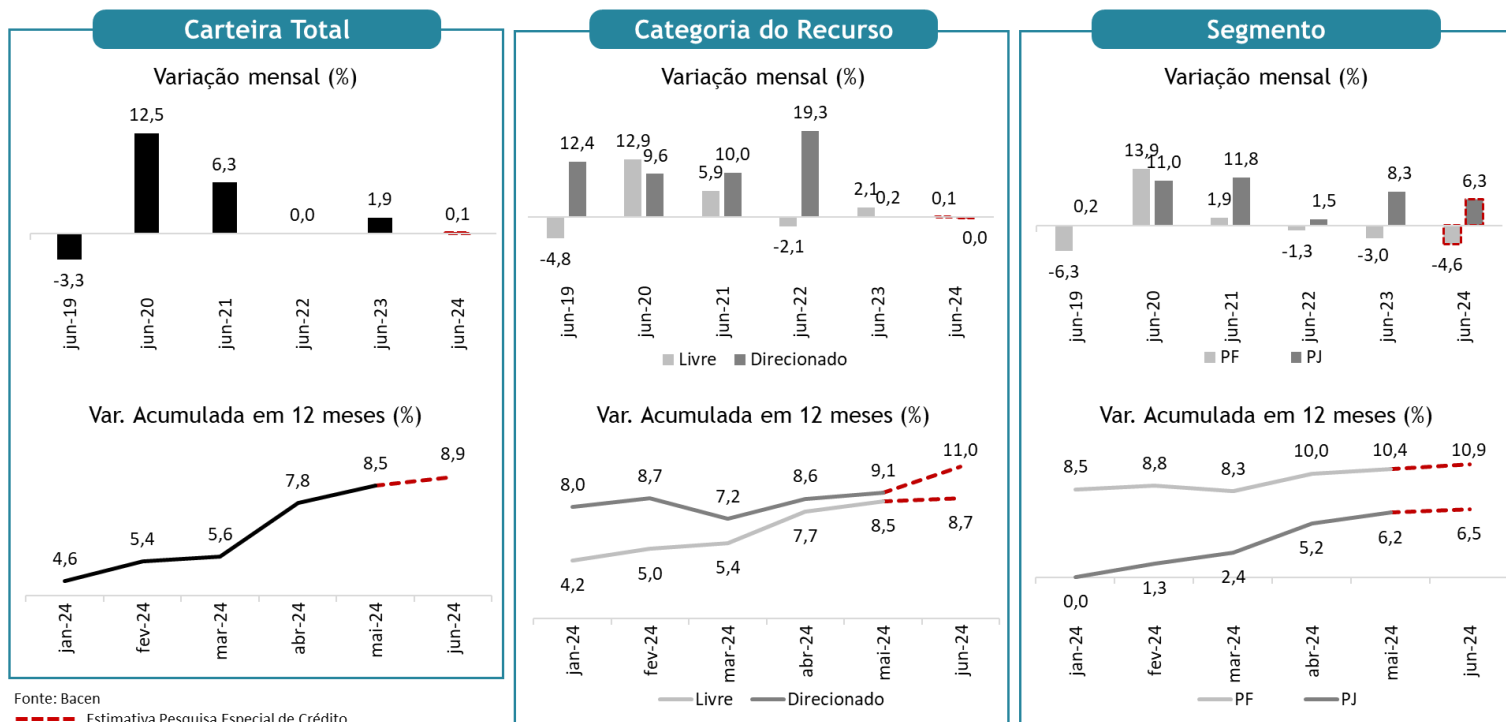
O maior volume no mês (ajustado por dias úteis) deve ser puxado pelas operações destinadas às empresas, com forte alta tanto nas operações com recursos livres quanto naquelas com recursos direcionados. Os aumentos refletem o típico acionamento das linhas de fluxo de caixa (antecipação de faturas de cartão e desconto de duplicatas) no final de trimestre (recursos livres), e a implementação e ampliação de programas públicos de créditos (recursos direcionados). Já as concessões destinadas às famílias

devem subir ligeiramente (+0,1%).

Na comparação com junho de 2023 (que elimina fatores sazonais), o resultado indica uma alta de 13,8% (por dia útil) no volume total de concessões, com alta disseminada entre os segmentos (PF/PJ e Livre/Direcionado). No acumulado em 12 meses, o volume total de concessões continuará subindo, passando de 8,5% para 8,9%. Assim, todas as métricas seguem apontando para uma melhora das condições de crédito.

A divulgação da Nota de Política Monetária e Crédito pelo Banco Central está programada para o próximo dia 26 de julho. Para ver o resultado completo da pesquisa, [clique aqui](#).

**Quadro 7: Projeções para as Concessões de Crédito – Pesquisa Especial de Crédito**



Fonte: Bacen  
 --- Estimativa Pesquisa Especial de Crédito

Nota Metodológica: As variações são calculadas tendo como base os valores oficiais divulgados pelo Banco Central.

## The Banker Top 1.000 World Banks 2024

## CRÉDITO / BANCOS

Nesta semana, dando sequência à análise das informações da revista e banco de dados The Banker (Financial Times), que traz o ranking Top 1000 World Banks 2024 com dados referentes ao ano de 2023, exploramos as informações de Lucro Líquido e Rentabilidade dos maiores conglomerados financeiros do mundo.

Para o cálculo de rentabilidade, a revista The Banker considera o lucro líquido da instituição em proporção ao Capital Nível 1 da IF, métrica conhecida como ROC (*return on capital*). Em geral, a análise de rentabilidade é feita sob a ótica do ROE (retorno patrimonial ou *return on equity*), mas a revista adota o primeiro conceito. Uma hipótese por tal preferência é que o Capital Nível 1 (ao invés de todo o *equity*) seria uma medida mais comparável a nível internacional, dados os requisitos de Basileia. Além disso, para as comparações anuais, considerou-se apenas os bancos que possuem informações em todos os períodos avaliados, removendo possíveis efeitos da entrada/saída dos bancos. Outro *disclaimer* importante é que para uma comparação internacional mais justa, em nossa avaliação, seria necessário descontar o custo de capital médio da rentabilidade nominal (ROC), para identificar o excesso de retorno em cada país. Contudo, para simplificar a análise, apresentaremos apenas o ROC nominal (sem desconto do custo de capital).

O Quadro 8 apresenta os 10 bancos mais rentáveis (ROC) do ranking em 2023 e todos os bancos brasileiros que estão na lista (e sua respectiva posição). A lista geral é liderada por um banco estatal peruano (Banco de la Nación), que registrou um ROC de 67,5% no ano, beneficiado pela elevação das taxas de juros no país, que permaneceram quase o ano todo em 7,75% aa, maior patamar em mais de vinte anos. Na sequência, aparece um banco da Nigéria (Guaranty Trust Bank; 54,9%) e dos EUA (First Citizens BancShares; 54,2%), que se beneficiou no período da aquisição do Silicon Valley Bank. Segundo divulgação do próprio banco, sem tal efeito extraordinário, a rentabilidade no ano seria de 15%. Ainda, o First Citizens Banc é o único dentre os dez mais rentáveis do ranking que pode ser considerado de grande porte (ocupa a 98ª posição em termos de volume de Capital Nível 1). Por fim, vale destacar a presença do Nubank entre os 10 mais rentáveis do ranking, ocupando a 9ª posição, se beneficiando de uma carga regulatória mais leve do que os maiores bancos do país (S1). A instituição registrou um lucro líquido de US\$ 1,0 bi e um ROC de 43,0% em 2023.

**Quadro 8: Ranking por Rentabilidade (ROC)**

Ranking ROC 2023	Banco	País	ROC	Lucro Líquido (US\$ mi)	Capital Nível 1 (US\$ mi)	Capital Nível 1 Ranking
1	Banco de la Nacion	Peru	67,5%	445,4	660,2	973
2	Guaranty Trust Bank	Nigeria	54,9%	602,2	1.097,8	797
3	First Citizens BancShares	US	54,2%	11.466,1	21.150,4	98
4	Meezan Bank	Pakistan	47,5%	305,1	642,6	983
5	Sovcombank	Russia	46,8%	1.059,6	2.262,2	524
6	United Bank for Africa	Nigeria	46,2%	678,1	1.469,2	687
7	PrivatBank	Ukraine	45,4%	996,8	2.197,6	534
8	Access Bank	Nigeria	43,8%	720,3	1.646,3	642
9	Nubank	Brazil	43,0%	1.030,5	2.396,0	508
10	First Bank of Nigeria	Nigeria	39,6%	346,3	875,4	874
-	-	-	-	-	-	-
59	Banco da Amazonia	Brazil	24,8%	296,6	1.195,3	769
88	Banco BTG Pactual	Brazil	22,1%	2.118,8	9.573,3	190
101	Banco do Brasil	Brazil	21,2%	6.852,4	32.320,4	69
116	Banco do Nordeste do Brasil	Brazil	20,0%	459,7	2.300,2	520
149	Itau Unibanco Holding	Brazil	18,3%	6.999,4	38.252,3	59
224	Banco Daycoval	Brazil	15,5%	229,4	1.477,9	681
308	Caixa Economica Federal	Brazil	13,5%	2.984,8	22.111,6	95
315	Banco Cooperativo do Brasil	Brazil	13,4%	113,7	851,5	886
335	Banco do Estado do Rio Grande do Sul	Brazil	13,0%	209,2	1.609,7	653
393	Banco Safra	Brazil	11,8%	689,2	5.833,3	272
414	Banco Bradesco	Brazil	11,6%	2.996,4	25.911,6	85
736	Banco Inter	Brazil	6,4%	81,7	1.268,2	745
857	Banco Cooperativo Sicredi	Brazil	4,2%	50,7	1.192,7	770



Quanto aos demais bancos brasileiros, nenhum deles figurou dentre os mais rentáveis do mundo, mesmo avaliando a rentabilidade nominal, que não desconta o custo de capital. Apenas o Banco da Amazônia (59ª posição), com um ROC de 24,8% em 2023; e, o BTG Pactual (88ª colocação), com 22,1% de ROC aparecem entre os 100 mais rentáveis. Dentre os maiores bancos de capital aberto do país, destaque para o Banco do Brasil que ficou na 101ª posição no ranking geral com um ROC de 21,2% e o Itaú Unibanco (149º; 18,3%).

O Quadro 9, por sua vez, apresenta os resultados consolidados por região e países selecionados. De forma agregada, os 1000 maiores bancos do mundo atingiram o maior nível de lucro líquido desde o início da produção do ranking (1996), atingindo US\$ 1,2 tri (+13,7%). Já o ROC agregado ficou em 11,5%, maior nível desde 2014 (14,4%), com alta de 0,7 pp em um ano. A melhora tem relação com o ambiente de taxas de juros mais altas nas principais economias mundiais, em meio ao combate à inflação por parte dos bancos centrais, que beneficiou especialmente os bancos europeus. No geral, os bancos conseguiram aumentar a remuneração de sua carteira de crédito, enquanto conseguiram manter controlados os custos dos depósitos. Ao mesmo tempo, a inadimplência seguiu relativamente baixa, não pressionando significativamente os gastos com PDD.

Dentre as principais regiões, a Europa viu o lucro líquido do setor subir de forma expressiva no ano (+39,8%), com o ROC ultrapassando a média global e atingindo 12,9%, maior patamar desde a crise de 2008/09, deixando assim os níveis deprimidos observados entre a crise financeira (2008) e a pandemia (2020). Destaque para o setor bancário suíço (+136,1%), onde o UBS adquiriu o Credit Suisse. Mas, o avanço do lucro no setor foi disseminado na região, inclusive em países relevantes, como Reino Unido (+25,8%) e Espanha (+33,5%).

Na Ásia e Pacífico, o lucro do setor bancário cresceu 5,3%, abaixo da média mundial, refletindo em boa parte, a fraca performance do setor bancário chinês (-0,6%), que se vê pressionado pelo ambiente de baixas taxas de juros e crise no setor imobiliário. O ROC dos bancos chineses foi de apenas 9,2% no ano, uma das menores no mundo em 2023.

Na América do Norte o desempenho foi negativo, com os EUA apresentando queda do lucro (-2,1%) e da rentabilidade (-1,8 pp). Apesar do ambiente de juros elevados, o setor sofreu com o estresse dos bancos regionais, que levou alguns a falência no início do ano. Posteriormente, os grandes bancos do país foram obrigados a fazer grandes aportes de recursos no FIDC (o FGC dos EUA), para recompor o fundo de resgate da instituição, prejudicando o resultado anual das IFs.

Na América do Sul, o lucro cresceu 14,3%, mas a rentabilidade ficou praticamente estável em 17,5% (ante 17,3%). O Brasil puxou o resultado para cima, com alta de 18,8% do lucro e ligeiro avanço do ROC (+0,4 pp, para 17,2%). Parte relevante do avanço do lucro do setor no país decorreu da valorização cambial, explicando assim o motivo de a rentabilidade ficar praticamente estável no ano. Além disso, também houve alguma melhora dos índices de inadimplência, que permitiu redução dos gastos com PDD.

**Quadro 9: Lucro Líquido e rentabilidade (ROC) por Região e País**

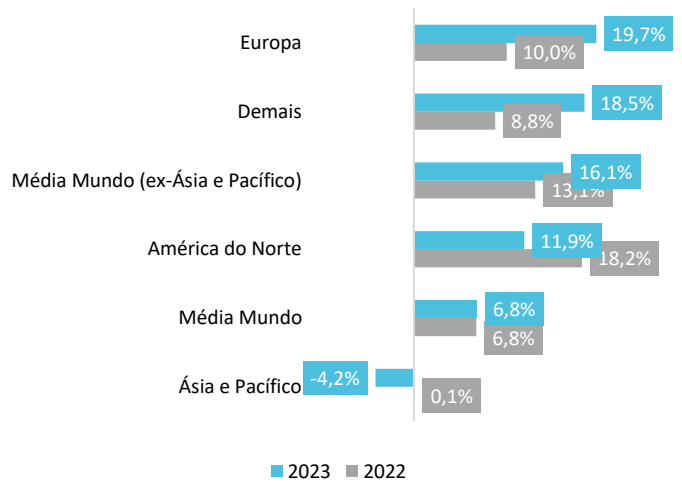
Região/País	Nº de bancos	Lucro Líquido (US\$ bi)	Var. % (23/22)	ROC	Var. pp (23/22)
Ásia e Pacífico	369	515,8	5,3%	9,7%	-0,1
China	138	326,9	-0,6%	9,2%	0,7
Japão	78	31,3	1,7%	5,8%	0,3
Índia	27	39,8	34,9%	15,4%	1,6
Coreia do Sul	11	20,1	63,1%	9,1%	3,1
Europa	208	305,8	39,8%	12,9%	2,8
França	6	36,3	6,7%	7,4%	-0,2
Reino Unido	25	55,4	25,8%	13,7%	2,3
Suíça	33	39,6	136,1%	17,4%	7,8
Espanha	12	33,2	33,5%	14,3%	2,5
América do Norte	203	247,4	-7,7%	11,8%	-1,8
EUA	187	210,8	-2,1%	11,8%	-1,1
Canadá	13	35,6	-30,7%	11,7%	-5,4
Oriente Médio	61	64,2	20,4%	15,3%	1,5
América do Sul	37	36,4	14,3%	17,5%	0,2
Brasil	14	25,1	18,8%	17,2%	0,4
Chile	7	3,3	-18,3%	16,3%	-5,2
Europa Leste e Central	26	36,8	-	22,5%	-
Rússia	10	25,4	-	22,6%	-
África	26	16,0	17,5%	21,0%	3,1
África do Sul	6	7,8	2,7%	19,8%	0,9
América Central	18	8,7	30,0%	21,1%	1,3
México	7	5,9	35,7%	22,6%	1,7
Ásia Central	5	2,4	18,2%	24,7%	-1,0
Caribe	6	1,7	14,0%	25,0%	1,3
<b>Total</b>	<b>959</b>	<b>1.235,1</b>	<b>13,7%</b>	<b>11,5%</b>	<b>0,7</b>

Para ilustrar o efeito positivo gerado pelo ambiente de juros mais elevados nas principais economias globais, o Quadro 10 apresenta a variação da métrica margem líquida de juros (NII, em inglês), que mede a diferença entre as receitas e despesas decorrentes de juros, nas principais regiões, para os anos de 2023 de 2022.

A nível global, o indicador apresentou a mesma taxa de crescimento do que em 2022, de 6,8%. Porém, houve grande heterogeneidade regional. Na Europa, a margem líquida de juros subiu 19,7% em 2023 (ante +10,0% em 2022), bem acima da média global, enquanto na América do Norte, a alta foi de 11,9% (ainda que abaixo da expansão de 2022, quando subiu 18,2%). Na contramão, os bancos asiáticos viram suas receitas líquidas com juros cair 4,2% no ano (após ficarem estagnadas em 2022), diante do contexto desafiador para o setor na China. Assim, se excluirmos a Ásia da amostra, a NII teria crescido 16,1% no ano, um nível bastante interessante, que dificilmente se sustentará nos próximos anos, diante do início do ciclo de queda dos juros e da pressão que os bancos vem sofrendo para aumentar o custo de seus depósitos.

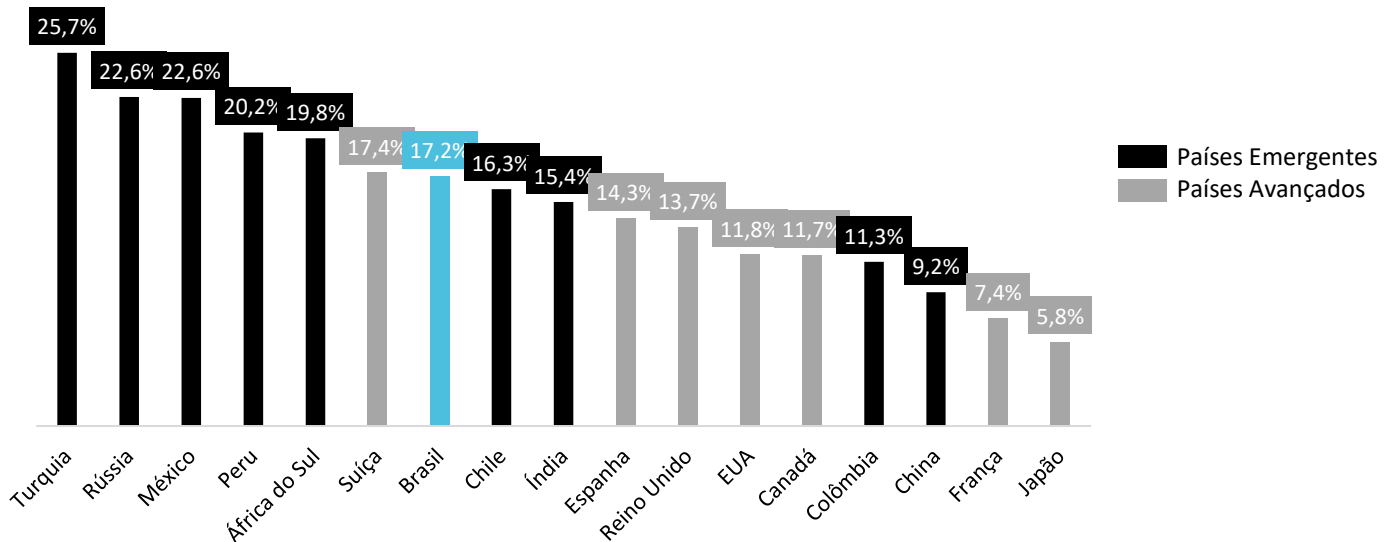
Por fim, o Quadro 11 traz a comparação da rentabilidade (ROC) para os principais países da amostra no ano de 2023. É possível observar que os bancos do Brasil apresentaram uma rentabilidade moderada no período, de 17,2%, próximo da mediana entre os países emergentes. Nos primeiros lugares, aparecem bancos da Turquia (25,7%), Rússia (22,6%) e México (22,6%) entre os mais rentáveis. Por outro lado, países como China (9,2%), Colômbia (11,3%) e Índia (15,4%) registraram rentabilidade abaixo da observada no Brasil. Já entre os países avançados, se destacaram positivamente os bancos da Suíça (17,4%), Espanha (14,3%) e Reino Unido (13,7%). Por outro lado, os bancos franceses (7,4%) – que pouco se beneficiaram da melhora da lucratividade no período, e do Japão (5,8%), apareceram como os menos rentáveis em 2023.

**Quadro 10: Variação do Net Interest Income (NII) por região – Var. % a/a**



Fonte: The Banker.

**Quadro 11: Rentabilidade (ROC) em 2023 – Em %**



Fonte: The Banker.

## Boletim do Mercado de Capitais Anbima – Jun/24

### CRÉDITO / BANCOS

Foram captados R\$ 66,2 bilhões no mercado de capitais doméstico em junho, segundo a Anbima. O volume superou o registrado nos meses de junho de 2023 (R\$ 48,9 bi) e 2022 (R\$ 58,2 bi), com dados já ajustados pela inflação, sinalizando que o segmento segue aquecido, sendo uma fonte relevante de captação de recursos para as (grandes) empresas.

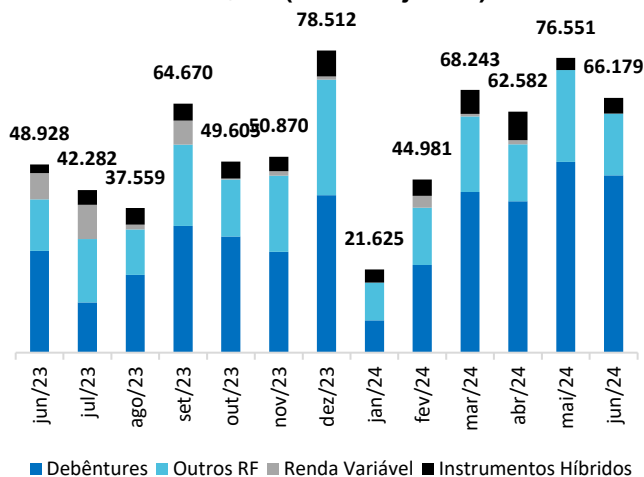
Porém, o bom desempenho segue concentrado nos instrumentos de renda fixa, enquanto as emissões via instrumentos de renda variável seguem sem ímpeto. As captações via debêntures atingiram R\$ 46,1 bi no mês, representando 69,6% do total, subindo 74,2% ante jun/23, em termos reais. Já para os outros títulos de renda fixa (CRIs, CRAs e FIDCs) a alta foi de 20,1%, totalizando R\$ 16,1 bi. Mesmo com o endurecimento das regras de emissões, as CRIs (+43,1%) seguem com bom ritmo de captação. Além disso, foram emitidos R\$ 4,1 bi em instrumentos híbridos (FIIs e Fiagros) em junho, que corresponde a uma expansão anual de 76,2%, refletindo o aumento do apetite dos investidores pelos FIIs (+80,4%).

Do lado negativo, as captações via instrumentos de renda variável (IPOs e *follow-ons*) voltaram a passar o mês em branco. O aumento da incerteza, a interrupção do ciclo de queda da Selic e a elevação das taxas de juros futuras contribuiu para adiar ainda mais eventuais planos de abertura de capital (ou ofertas subsequentes de ações) das empresas brasileiras. De toda forma, o mês de julho deve trazer os valores de uma grande operação, da Sabesp, cujo *follow-on* deve movimentar cerca de R\$ 15 bi, reduzindo a participação do governo do Estado de São Paulo na companhia dos atuais 50,3% para 18,0%.

No 1º semestre, as emissões totalizaram R\$ 340,2 bi, alta real de 110,2% ante 2023 (que conta com uma base de comparação bastante baixa) e de 30,9% ante 2022. Nos dois comparativos, a alta é liderada pelas debêntures, que subiram 42,6% ante o 1º semestre de 2022, enquanto no comparativo com o ano passado o volume de emissões cresceu 153,2%. As emissões dos demais instrumentos de renda fixa (+89,2%) e dos instrumentos híbridos (+113,6%), embora menos relevantes, também registram forte crescimento no ano.

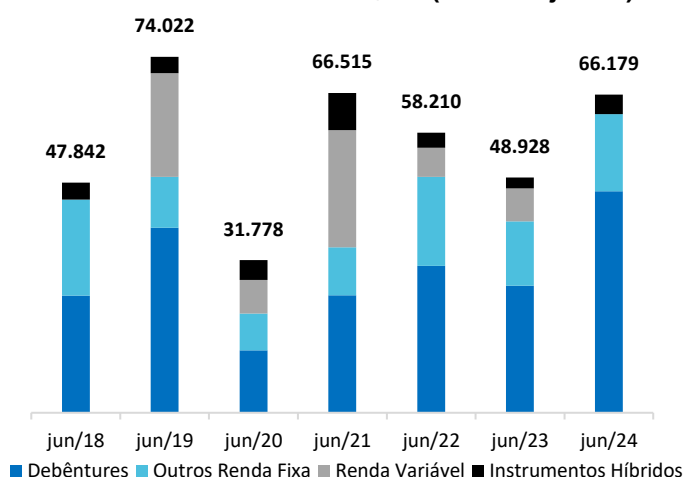
A tendência é que o mercado de capitais siga aquecido no 2º semestre, podendo ultrapassar o valor recorde de emissões observado em 2021 (R\$ 691,5 bi, em termos reais). Contudo, as captações devem seguir concentradas nos instrumentos de renda fixa, em meio ao ambiente de juros elevados.

**Quadro 12: Captação no Mercado de Capitais  
Em R\$ mi (IPCA de jun/24)**



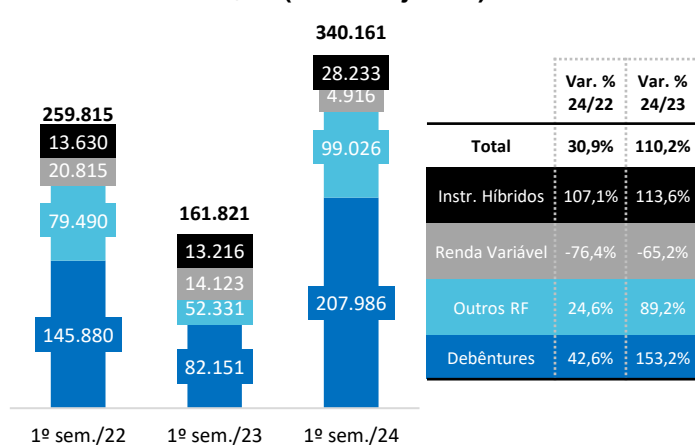
Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 13: Captação no Mercado de Capitais  
Meses de Junho - Em R\$ mi (IPCA de jun/24)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.

**Quadro 14: Volume de captação no 1º semestre  
R\$ bi (IPCA de jun/24)**



Fonte: Anbima. Elaboração: Febraban.



## MERCADOS E EXPECTATIVAS

FOCUS – Indicadores Selecionados	2024				2025			
	19/07/24	12/07/24	21/06/24	Viés	19/07/24	12/07/24	21/06/24	Viés
IPCA (%)	4,05	4,00	3,98	▲	3,90	3,90	3,85	↔
PIB (% de crescimento)	2,15	2,11	2,09	▲	1,93	1,97	2,00	▼
Meta Selic - fim do ano (% a.a.)	10,50	10,50	10,50	↔	9,50	9,50	9,50	↔
Taxa de Câmbio - fim do ano (R\$/US\$)	5,30	5,22	5,15	▲	5,23	5,20	5,15	▲

Fonte: Banco Central do Brasil.

Indicadores do Mercado	19/07/24	Variação %			
		Na semana	No mês	No ano	12 meses
<b>NACIONAL</b>					
Taxa de câmbio (R\$/US\$)	5,60	3,11%	0,07%	15,25%	16,68%
CDS Brasil 5 anos (em pontos)	157,84	7,62%	-7,38%	19,16%	-10,75%
Juros DI 30 dias (% a.a.)	10,42	0,08%	0,02%	-10,52%	-22,48%
Juros DI 1 ano (% a.a.)	11,19	2,48%	-0,41%	11,45%	-2,96%
Juros DI 5 anos (% a.a.)	12,05	3,23%	-2,71%	19,63%	13,26%
Índice Ibovespa (em pontos)	127.616,46	-0,99%	2,99%	-4,90%	8,07%
IFNC (setor financeiro)	12.643,86	-0,14%	3,95%	-8,40%	3,08%
<b>INTERNACIONAL</b>					
Fed Funds (% a.a.)	5,50	0,00%	0,00%	0,00%	4,76%
T-NOTE - 2 anos (% a.a.)	4,51	1,34%	-5,10%	6,14%	-6,77%
T-NOTE - 10 anos (% a.a.)	4,24	1,34%	-3,58%	9,28%	10,09%
Dollar Index	104,38	0,27%	-1,41%	3,00%	3,46%
Índice S&P 500 (em pontos)	5.505,00	-1,97%	0,82%	15,41%	21,39%
Índice de ações de bancos – EUA	112,83	8,01%	14,41%	3,02%	14,51%
Índice Euro Stoxx 50	4.827,24	-4,28%	-1,36%	6,76%	10,37%
Índice de ações de bancos - Zona do Euro	143,89	0,46%	5,18%	21,58%	28,97%
Barril de Petróleo - tipo Brent (US\$)	82,65	-2,80%	-4,35%	7,28%	3,78%

Fonte: Bloomberg.

**Diretoria de Economia, Regulação Prudencial e Riscos**  
[economia@febraban.org.br](mailto:economia@febraban.org.br)

Rubens Sardenberg  
 Jayme Alves  
 Luiz Fernando Castelli  
 Daniel Casula  
 João Vítor Siqueira